



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.36.94.AO06>

## **Mães, avós e cuidadoras de crianças institucionalizadas: conhecimentos sobre desenvolvimento na infância**

*Mothers, grandmothers and caregivers of institutionalized children: Knowledge about  
development in childhood*

*Madres, abuelos y cuidadores de niños institucionalizados: conocimiento sobre el  
desarrollo infantil*

---

Edson Júnior Silva da Cruz- Doutor em Psicologia – Pós-Doutorando em Teoria e Pesquisa do  
Comportamento da Universidade Federal do Pará- UFPA. Endereço: Rua: Augusto Corrêa, 01- Guamá.  
CEP: 66075-110. Belém- Pará-Brasil. Email: [edsoncruzufpa@gmail.com](mailto:edsoncruzufpa@gmail.com)

Lilia Iêda Chaves Cavalcante - Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento- Docente do Programa  
de Pós-Graduação de Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará- UFPA.  
Endereço: Rua: Augusto Corrêa, 01- Guamá. CEP: 66075-110. Belém- Pará-Brasil. Email:  
[liliaccavalcante@gmail.com](mailto:liliaccavalcante@gmail.com)

Janari da Silva Pedroso- Doutor em Ciências - Docente do Programa de Pós-Graduação em Teoria e  
Pesquisa do Comportamento e Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará- UFPA.  
Bolsista Produtividade CNPq-nível 2. Endereço: Rua: Augusto Corrêa, 01- Guamá. CEP: 66075-110.  
Belém- Pará-Brasil. Email: [pedrosoufpa@gmail.com](mailto:pedrosoufpa@gmail.com)

---

### **Resumo**

Este teve como objetivo investigar o perfil e os conhecimentos de cuidadores de crianças institucionalizadas sobre desenvolvimento infantil. Participaram 16 mães, 16 avós e 16 educadoras de crianças nessa condição. Utilizou-se o Inventário de Conhecimentos sobre

Desenvolvimento Infantil (KIDI) que permitiu investigar variáveis como escolaridade, número de filhos, profissão e idade dessas cuidadoras, e seus conhecimentos sobre práticas de cuidado, saúde e segurança, normas e aquisição e princípios do desenvolvimento. Das 75 questões, o maior percentual de acerto foi na categoria práticas de cuidado (82, 35%), sendo que as mães e as avós apresentaram melhor desempenho em perguntas sobre saúde e segurança (64,7% em ambos os casos). O nível de escolaridade e o acúmulo de saberes e práticas derivados de experiências pessoais com o cuidado de crianças em outros contextos foram variáveis com possível influência sobre o quanto e o quê as participantes conhecem acerca do desenvolvimento infantil.

**Palavras-chaves:** Desenvolvimento infantil; cuidadores; acolhimento institucional.

#### **Abstract**

This aimed to investigate the profile and awareness of mothers, grandmothers and educators of institutionalized children about child development. 16 mothers, 16 grandmothers and 16 children's educators participated in the study. The instrument used was the Knowledge Inventory on Child Development (KIDI), which collects information on the profile of caregivers (education, number of children, profession and age) and has 75 questions in four categories: practices and care, health and Safety, standards and acquisition and principles of development. Caregivers presented a higher percentage of correctness in the questions about care practices (82, 35%). Mothers and grandmothers had more health and safety (64.7% in both cases). The level of schooling and the accumulation of knowledge and practices inscribed in family every day and sociocultural contexts were factors that exerted influence on the knowledge of the participants.

**Keywords:** Childhood development; caregivers; institutional care.

#### **Resumen**

Este estudio tuvo como objetivo investigar el perfil y el conocimiento de los cuidadores de niños institucionalizados sobre el desarrollo infantil. Participaron 16 madres, 16 abuelos y 16 educadores de niños en esta condición. Utilizamos el Inventario de conocimientos sobre desarrollo infantil (KIDI) que nos permitió investigar variables como la educación, el número de niños, la profesión y la edad de estos cuidadores, y su conocimiento sobre las prácticas de atención, salud y seguridad, normas y adquisición y principios de desarrollo. De las 75 preguntas, el porcentaje más alto de respuestas correctas estaba en la categoría de prácticas de atención (82, 35%), con madres y abuelos con mejores resultados en cuestiones de salud y seguridad (64.7% en ambos casos). El nivel de educación y la acumulación de conocimientos y prácticas derivados de las experiencias personales con el cuidado infantil en otros contextos fueron variables con posible influencia sobre cuánto y qué saben los participantes sobre el desarrollo infantil.

**Palabras clave:** Desarrollo infantil; cuidadores; anfitrión institucional.

A criança quando nasce geralmente é cuidada por seus pais e avós, com ou sem o apoio de outros familiares. No entanto, em situações excepcionais, quando a família se encontra em situação de vulnerabilidade de qualquer ordem, as crianças podem passar a ter suas necessidades atendidas por cuidadores substitutos em instituições de acolhimento institucional (Barros & Naiff, 2015; Moura & Amorim, 2013).

Nesse sentido, as diferentes modalidades de acolhimento provisório de crianças representam podem ser compreendidos a partir da noção de Nicho Desenvolvimental (Harkness & Super, 1996), uma vez que esta perspectiva teórica defende que a condição psicossocial da pessoa em desenvolvimento sofre influência das características físicas e sociais desse ambiente institucional, da psicologia dos seus cuidadores habituais nesses espaços específicos e da qualidade das suas práticas de cuidado infantil. A noção conceitual de Nicho Desenvolvimental procura integrar aspectos de duas importantes áreas do conhecimento: a psicologia e a antropologia, permitindo construir uma visão contextualizada de questões acerca do desenvolvimento e das etnoteorias parentais.

No entendimento de Harkness e Super (1996), a psicologia do cuidado requer atenção especial com o contexto sociocultural em que pais, avós e educadores foram criados e/ou no qual convivem cotidianamente com suas crianças. Esta é, pois, a condição para que se possa conhecer melhor o perfil dos diferentes cuidadores em contextos familiar e institucional e aspectos da sua psicologia (conhecimentos, valores, crenças, entre outros), porque isso pode definir a forma como eles irão interagir e se ligar à criança, ou seja, o modo como estarão inclinados a realizar suas práticas de cuidado.

Desse ponto de vista, sistemas de crenças parentais ou etnoteorias, como explicam Martins, Vieira, Seidl- de- Moura e Macarini (2011), são definidas como conjuntos organizados de ideias, valores e crenças implícitos nas atividades diárias, nos julgamentos, escolhas e decisões que os pais tomam e que funcionam como modelos ou roteiros para futuras ações de cuidado. As etnoteorias formam um quadro de referências internas, elas são constructos que sustentam os seus comportamentos no cotidiano e asseguram uma dimensão universal do problema, ainda que sejam construídas numa determinada cultura e num determinado contexto onde a criança está inserida (Diniz & Salomão, 2010).

Alguns estudos apresentam importantes contribuições para o entendimento contextualizado das relações cuidador-criança e destacam que crenças e práticas que emergem nessas interações são essenciais para o desenvolvimento (Kobarg & Vieira 2008; Magalhães, Costa & Cavalcante, 2011). Apesar disso, pesquisas que abordam o ambiente extrafamiliar são ainda minoritárias na literatura sobre desenvolvimento infantil no Brasil, sobretudo as práticas de cuidado oferecidas a crianças acolhidas em contexto

cultural com traços peculiares (Moré & Sperancetta, 2010). Isso posto, entende-se que o estudo de etnoteorias e práticas em ambiente coletivo de cuidado apresenta-se como um desafio atual, necessário mesmo à comunidade científica, assim como às crianças que nele permanecem por tempo prolongado e/ou de forma exclusiva.

Tal consideração se fundamenta na observação de que, no Brasil, as práticas de cuidado infantil conduzidas pelas mães têm sido alvo de investigações até certo ponto comuns, embora existam algumas lacunas presentes na literatura que exigem uma melhor compreensão das concepções de desenvolvimento que refletem traços característicos dos diferentes contextos socioculturais que os cuidadores convivem e educam seus filhos. Mais recentemente, mudanças nos perfis sociodemográficos da população brasileira têm revitalizado o interesse dos pesquisadores por aspectos relacionados às etnoteorias parentais e práticas de cuidado infantil em contexto familiar por conta do papel cada vez mais destacado dos avós em suas múltiplas configurações e o seu envolvimento decisivo em extensas rotinas de cuidado infantil (Dias, Hora & Aguiar, 2010; Lauz & Borges, 2013; Santos, Silva & Pontes, 2011). Contudo, existem ainda situações nas quais as crianças não conseguem receber os cuidados básicos nessa etapa da vida no convívio com sua família de origem, nem pais nem avós estão disponíveis para isso, sendo esta responsabilidade parcial ou completamente repassada a terceiros, frequentemente, cuidadores profissionais capazes de auxiliar ou substituir pais e/ou avós em suas atribuições parentais. Esses profissionais são denominados de “cuidadores de creche” ou “cuidadores de abrigo ou outras modalidades de acolhimento institucional” (Cruz, Cavalcante & Pedroso, 2014; Magalhães, Costa & Cavalcante, 2011).

Pelo exposto, seja em ambiente de escola, creche ou instituição de acolhimento, encontram-se profissionais que compartilham ou substituem ainda que provisoriamente o cuidado de crianças por pais, avós ou outros familiares. Por sua posição destacada no Nicho Desenvolvimental de crianças que residem e/ou convivem em instituições de longa permanência, esses profissionais precisam ser melhor conhecidos e reconhecidos em sua importância estratégica para o desenvolvimento infantil. Ou seja, aspectos da sua psicologia e práticas de cuidado devem ser tomados como um tema atual, com relevância social e teórica (Arpino & Bordane, 2014; Chen, Liu & Mair, 2011; Kobarg & Vieira, 2008; Thomese & Liefbroer, 2013; Tsai, Motamed & Rougemont, 2011).

Entre outros estudiosos, Silva, Vieira, Moura e Ribas (2005) averiguaram os conhecimentos de cuidadores primários sobre o desenvolvimento na infância e suas implicações disso para a configuração de propriedades humanas importantes, sendo este um ponto de partida decisivo para a compreensão da sua psicologia e respectivas práticas de cuidado. Tal estudo foi extremamente positivo para o propósito deste trabalho, uma vez que discute quais as possíveis correlações entre o nível socioeconômico, a escolaridade, e outros fatores capazes de afetar o modo como tais cuidadores pensam o desenvolvimento e suas práticas de cuidado no cotidiano.

É importante frisar que fatores sociodemográficos como a: escolaridade, faixa etária e número de filhos são características importantes para compreender como os cuidadores creem que seja a forma de cuidado mais adequado referente às crianças que estão sobre suas responsabilidades. No estudo de Cruz, Cavalcante e Pedroso (2014) com mães de crianças em acolhimento institucional, foi observado que as que tiveram melhor desempenho no KIDI foram aquelas que tinham mais de um filho, ensino médio completo e eram mães jovens com idade menor que 25 anos.

Vale ressaltar que o presente estudo é uma continuidade de outra pesquisa realizada por Cruz, Cavalcante e Pedroso (2014), a diferença é que neste trabalho a um número maior de participantes e outras figuras de referências no cuidado destinado a criança em acolhimento institucional. Portanto este estudo, assim como o anterior, possui um caráter exploratório e tem como objetivo analisar quais as percepções que mães, cuidadoras e avós de crianças institucionalizadas têm sobre desenvolvimento infantil e práticas de cuidado.

## **Método**

### **Participantes**

Fizeram parte da pesquisa 16 mães, 16 avós e 16 cuidadoras de crianças de zero a seis anos em situação de acolhimento institucional. O critério de escolha daquelas cuidadoras que iriam tomar parte do estudo proposto era que essas tivessem seus filhos/netos acolhidos na instituição pesquisada e que fossem mães/avós biológicas da

criança. Com relação às cuidadoras, foram selecionadas aquelas que faziam parte do quadro fixo da instituição e que tivessem um contato frequente com as crianças.

#### Ambiente

A aplicação do instrumento para coleta de dados foi realizada nas dependências de uma instituição de acolhimento. À época em que este estudo foi realizado, a instituição acolhia em média 60 crianças, que eram distribuídas em oito dormitórios cujo ambiente foi estruturado de acordo com as diferentes faixas de idade de zero a seis anos.

#### Instrumento

Para coleta dos dados, inicialmente, traçou-se um perfil das participantes do estudo, destacando-se informações sobre idade, escolaridade, número de filhos, entre outras variáveis. Em seguida, as participantes foram convidadas a preencher o instrumento de coleta de dados utilizado pela pesquisa. O instrumento, denominado Knowledge of Infant Development Inventory (KIDI), foi elaborado por Macphee (1981), sendo conhecido em português como Inventário de Conhecimento do Desenvolvimento Infantil. Este instrumento avalia a proporção de conhecimentos considerados corretos, relacionando os resultados obtidos aos períodos mais prováveis para aquisição de determinadas habilidades pela criança (motoras perceptuais e cognitivas); fatores relacionados ao desenvolvimento e práticas de cuidado, como alimentação, higiene e segurança.

O KIDI é composto por 75 perguntas que se dividem em quatro categorias, assim definido por Macphee (1981): cuidados parentais (14 itens), normas e marcos do desenvolvimento (32 itens), princípios (17 itens) e saúde (12 itens).

#### Coleta e análise de dados

A coleta de dados ocorreu nas dependências da instituição de acolhimento, sendo que a aplicação do instrumento foi realizada no contato direto com as entrevistadas no momento em que as mesmas se encontravam no ambiente da pesquisa. As mães e as avós foram abordadas no momento em que visitavam seus filhos/netos e as educadoras quando conseguiam dispor de um tempo livre para preenchimento do inventário. A equipe

responsável pela aplicação do KIDI adotou procedimentos especiais no sentido de evitar que terceiros pudessem influenciar o conteúdo das respostas dadas às questões trazidas pelo inventário. Por exemplo, a coleta ocorreu invariavelmente numa sala destinada à realização da pesquisa. Nela, o participante ficava apenas na companhia do pesquisador, sem a presença de outros profissionais e funcionários da instituição.

A análise dos dados coletados foi construída no sentido de averiguar a proporção de acertos, erros e incertezas das mães, avós e educadoras, como participantes da pesquisa, em relação ao conjunto às 75 questões levantadas pelo KIDI, tomando-se como parâmetro o gabarito de respostas que o instrumento disponibiliza para consulta. A organização e a sistematização dos dados se deram a partir do uso de planilhas confeccionadas pelo programa Excel (Microsoft), que funcionou como auxílio principal para o cálculo de frequências e preparação da tabela utilizada na elaboração e discussão dos resultados.

## **Resultados**

### **As mães**

Neste estudo, procurou-se traçar o perfil das mães, avós e educadoras e averiguar aspectos das suas trajetórias pessoais e profissionais, no sentido de não apenas compreender melhor o desempenho dos participantes deste estudo, mas discutir o quanto esses resultados estão alinhados com aspectos sociais, históricos e culturais do contexto onde o estudo foi realizado.

Os dados coletados a partir da aplicação do inventário feita com mães, avós e cuidadoras permitiram investigar conhecimentos acerca de questões relacionadas ao desenvolvimento infantil, de acordo com os critérios estabelecidos pelo KIDI. Os resultados apresentados indicam que, em relação à escolaridade das entrevistadas, predominou o nível fundamental incompleto ou completo entre as mães, já o fundamental incompleto entre as avós e o médio completo entre as cuidadoras, conforme pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 1.  
 Percentuais de acertos, erros e incertezas entre as mães, cuidadoras e avós entrevistadas, por categoria do KIDI (n= 48).

	Mães (n=16)			Cuidadoras (n=16)			Avós (n=16)		
	Acertos	Erros	Incerteza	Acertos	Erros	Incerteza	Acertos	Erros	Incerteza
Práticas de cuidado	58,32	41,18	0	82,35	14,65	3	56,25	37,5	6,25
Saúde e segurança	64,7	29,41	5,88	64,7	24,3	11	62,5	31,25	6,25
Normas e aquisições	47,5	41,17	11,76	58,82	28,18	13	56,25	31,25	12,5
Princípios	58,82	35,29	5,88	70	20	10	50	31,25	18,7

Legenda: n= Número de participantes

Nos resultados referentes ao nível de escolaridade, identificou-se que as mães com maior nível de acerto das questões do KIDI possuem o ensino médio incompleto ou em andamento, e as que tiveram pior desempenho apresentaram o ensino fundamental incompleto, sendo importante destacar que algumas esboçaram o desejo de não mais voltar a estudar e concluir a primeira etapa do ensino fundamental, no caso, do primeiro ao quinto ano.

Verificou-se que as 16 mães têm entre 17 e 35 anos de idade. Com relação à escolaridade, 63,3% têm o ensino fundamental incompleto, 6,6% o ensino fundamental completo, 13,3% o ensino médio incompleto ou em andamento, e mais 16,6% o ensino médio completo. Além disso, as mães têm de 1 a 8 filhos, sendo que a média variou entre 3 e 4, sendo que 56,6% destas vivem do trabalho informal e sem carteira assinada (manicure, artesã, doméstica e outros) ou desenvolvem o que esse denomina de “bico” (trabalho informal), enquanto que 43,3% encontravam-se desempregadas no período da entrevista.

Das 75 questões do KIDI, verificou-se que as mães apresentaram uma média de 57,46% de acertos, 36,73% de erros e 4,41% representam as dúvidas e incertezas. A alternativa sem resposta equivaleu a 1,4% do total de entrevistadas. O instrumento é dividido em quatro categorias – práticas de cuidado, saúde e segurança, normas e

aquisições e princípios do desenvolvimento, os resultados que correspondem de cada uma delas foram, respectivamente, 58,82%, 64,70%, 57,5% e 58,82%. Além disso, verificou-se que as questões que apresentaram maior número de acertos foram da categoria saúde e segurança com 64,70% e as com maior número de erros estiveram concentradas nas categorias práticas de cuidado (41,18%) e normas e aquisições (41,17%).

#### As educadoras

Os dados da pesquisa mostram que entre as 16 participantes entrevistadas, a média da idade é de 34 anos. No quesito escolaridade, foi apurado que 58,82% possuem o ensino médio completo, 23,52% o superior incompleto e 17,64% o ensino superior completo. No aspecto tempo de serviço foi observado que entre as cuidadoras 52,94% possuem de 24 a 60 meses de experiência, 23,52% têm de 12 a 23 meses, 17,64% somam mais de 120 meses e as demais trabalham há menos de 12 meses na instituição de acolhimento (5,88%). Observa-se que mais de 70% têm acima de dois anos de experiência neste tipo de trabalho. Com relação ao número de filhos, das 16 cuidadoras 64,70% são mães, e dentre estas, 52% têm entre um e dois filhos e 12% possuem mais de três filhos. As demais cinco profissionais não tiveram a experiência materna (36%), logo se pode observar que a maioria delas relatou experiência anterior de trabalho com crianças, o que equivale a mais de 60% da amostra.

De acordo os dados, 40% das cuidadoras possuem idade que vai de 31 a 40 anos, 33% têm entre 21 e 30 anos e 26 % acima de 41 anos. Logo, percebe-se que predomina na instituição mulheres jovens, que se encontra em uma etapa decisiva na vida adulta, o que demonstra disposição para estabelecer relações pessoais e profissionais, além de apresentar um bom estado físico para estabelecer atividades diárias com as crianças.

Ao submeter à análise os dados do perfil destes profissionais, observa-se que, além das características relacionadas à vida pessoal, é preciso levar em consideração aspectos da vida profissional, o que demonstra que dados como tempo de serviço e escolaridade são de fundamental importância para se compreender posteriormente os efeitos dessas variáveis sobre o seu nível de conhecimento.

No quesito escolaridade, foi observado que 58,82% das cuidadoras possuem o ensino médio completo e o restante (42,18%) já possui formação de nível superior, tendo algumas delas concluído curso de especialização em nível de pós-graduação. Ficou claro

que o nível médio é predominante e que este fator pode estar relacionado à questão de que a escolaridade mínima exigida pelo edital do concurso público para ocupar as vagas neste cargo é o ensino médio completo. Porém, cuidadoras que ainda não fizeram um curso de nível superior estão se preparando para prestar vestibular.

Com relação ao tempo de serviço, 52,94% das profissionais está de dois a três anos exercendo a função de educadora na instituição, com isso pode-se observar que as crianças estão sendo cuidadas por profissionais com relativa bagagem de experiência em suas trajetórias de trabalho. Isso representa dizer que são profissionais que já conhecem as particularidades que o espaço de acolhimento traz para o desenvolvimento infantil. Outro ponto que merece ser destacado, refere-se às questões do KIDI que as cuidadoras mais acertaram, erraram ou ficaram em dúvida.

De acordo com as quatro categorias do KIDI (práticas de cuidado, saúde e segurança, normas e aquisições e princípios do desenvolvimento), pode-se contabilizar que o percentual de acertos das cuidadoras ultrapassou a casa dos 60%, com relação às categorias práticas de cuidado, 82,35% acertaram em média 11 questões das 14 que compõem esta categoria, logo após vem o fator princípios do desenvolvimento com 70% de acertos, sendo equivalente a 12 das 17 questões respondidas. No quesito saúde e segurança, 64,70% das cuidadoras acertaram oito das 12 questões que se ligam a esta categoria. Já em normas e aquisições, esta obteve o menor número de acertos em relação às outras categorias, o que equivaleu a 58,82% das questões respondidas corretamente, ou seja, 18 de 32.

O item práticas de cuidado abrange aspectos da experiência de cuidado cotidiano com crianças o que em tese as mães primíparas não possuem. Pelo percebido, as experiências que acumularam enquanto profissional e mãe podem fornecer elementos relevantes para explicar tais diferenças.

#### As avós

Na análise dos dados referentes às características sociodemográficas das avós foram identificadas que, no total das 16 avós, elas têm em torno de 30 a 70 anos. Com relação a sua escolaridade, 6% têm o nível médio incompleto, 12% são analfabetas, 12% têm o fundamental completo e 70% o fundamental incompleto. No que se refere ao

número de netos, 18% têm apenas um, 23% possuem três, 24% somam quatro e 35% dois.

Variáveis como escolaridade, idade e número de netos são fundamentais para a compreensão do quanto às avós conhecem sobre o tema do desenvolvimento infantil e práticas de cuidado, tendo como pressuposto que esses atributos tendem a ser vistos como fatores que agregam valor à qualidade oferecida para a criança. Diante disto, torna-se necessário analisar os perfis sociodemográficos das avós pesquisadas para se entender melhor as respostas dadas ao KIDI.

Das 75 questões do KIDI, verificou-se que as avós apresentaram uma média de acertos equivalente a 56,25%, erraram em média 37,5% e com relação a dúvidas e incertezas obtiveram um percentual de 6,25%. Pode-se observar que a categoria que obteve o maior percentual de acertos foi em relação à saúde e segurança com 62,5%, já a categoria que obteve o maior número de erros foi a que reúne temas das práticas de cuidado com 37,5%, sendo que esta última também ocupou o lugar de maior número de incertezas, representando 18,75% das questões respondidas.

Por meio dos resultados aqui apresentados, conclui-se que é fundamental se investir mais em estudo com as avós, principalmente dessas que vivem em uma condição sociofamiliar marcada pela vulnerabilidade social, como é o caso das que possuem netos acolhidos e assistidos por uma instituição de acolhimento. Compreender o que e por que manifestam determinado ponto de vista sobre como o desenvolvimento infantil acontece pode ser importante para conhecer melhor traços da sua psicologia e, portanto, ter mais elementos para saber como envolvê-las no cuidado à criança em meio familiar.

Após identificar e analisar as três figuras de cuidado presentes na trajetória de crianças que se encontravam em instituição de acolhimento (mães, cuidadoras e avós), este estudo procurou comparar os resultados obtidos com a aplicação do KIDI e discutir como a situação social, histórica e cultural dessas mulheres presentes em seu perfil pode ter influenciado na formação dos conhecimentos acerca do desenvolvimento infantil e práticas de cuidado.

## **Discussão**

Como se pode observar, as mães e as avós apresentaram um baixo nível de escolaridade em relação às cuidadoras, já que estas últimas demonstraram o nível médio completo, ainda que algumas tivessem também o nível superior concluído ou em andamento. A baixa escolaridade das mães e das avós pode ser um agravante quando se sabe que, em estudos semelhantes (Silva et al, 2005), esta característica tem sido associada positivamente à apresentação de índices mais elevados de conhecimento acerca das práticas de cuidado e outros temas, como por exemplo, o que pode apurar em grupos de mães primíparas, conforme parâmetros definidos pelo KIDI (Seidl- de-Moura et al, 2004). A literatura mostra que, quanto menor for o número de anos de estudo, mais fraco tende a ser o desempenho dos participantes em processos de aferição de conhecimentos em temas diversos, inclusive quando o assunto é em aspectos relacionados à infância. Por outro lado, quanto menos se conhece sobre as fases do desenvolvimento da criança, provavelmente menos se oferta estímulos a ela para que possa adquirir habilidades cognitivas e sociais em momentos decisivos de sua vida.

Porém, apesar das mães possuírem baixa escolaridade, estas obtiveram bom desempenho na avaliação feita pelo KIDI, o que contraria a hipótese que quanto maior o nível de escolaridade mais conhecimentos tendem a ser adquiridos sobre o tema em foco. No entanto, é importante analisar também outros fatores, como a idade das entrevistadas, por exemplo, para que se possam fazer afirmações mais conclusivas a esse respeito (Silva et al, 2005).

Os dados neste estudo mostraram que as cuidadoras possuem entre 31 a 40 anos, enquanto que as mães possuem entre 25 a 35 anos, e em relação às avós, estas têm entre 50 a 70 anos. Como se pode observar, as mães são as cuidadoras mais jovens quando comparadas às cuidadoras e às avós. Em função de as mães serem mais jovens, estima-se que estas tenham pouca experiência no que se refere ao trato com crianças nos primeiros anos de vida, seja no ambiente familiar ou profissional. Todavia, por terem uma prole maior do que a declarada pelas cuidadoras e até pelas avós, desse ponto de vista, as mães, hipoteticamente, teriam tido mais oportunidades para adquirir conhecimentos sobre desenvolvimento e práticas de cuidado infantil, percebe-se aqui a influência do ambiente social conforme assinala Harkness e Super (1996).

O número de filhos das mães e netos das avós referiu-se precisamente à quantidade de crianças de sua família de origem que se encontravam na instituição à época da pesquisa, não sendo então possível obter esse dado em relação às cuidadoras. De todo modo, fazendo-se essa ressalva, pode-se apontar que as mães entrevistadas declararam ter um número maior de filhos do que as avós de netos. Estes números aparentemente contraditórios entre si podem ser explicados pelo fato de que mães e avós não pertenciam necessariamente a uma mesma família. Na amostra de mães que participaram da pesquisa, estas tinham entre dois e oito filhos, e as avós dois a seis netos na instituição.

Entre as cuidadoras, verificou-se que algumas nem sequer possuíam filhos, e, quando os tinha, majoritariamente mencionaram uma a três crianças, no máximo. Este dado em particular remete às estatísticas oficiais que versam sobre o número de filhos entre mulheres na atualidade. Esta nova configuração é destacada, entre outros aspectos, pela redução da fecundidade, fortemente associada à sua crescente participação no mercado de trabalho, à sua atuação na chefia familiar e à elevação do seu nível de escolaridade (Martins e et al, 2011).

Supõe-se que um maior número de filhos pode representar, em tese, mais oportunidade de obter conhecimentos sobre o tema do desenvolvimento infantil, mas esse pode não ser o caso de mulheres cujos filhos foram afastados do seu convívio muitas vezes sob a acusação de que teriam adotado atitude negligente em relação aos seus cuidados básicos. Neste caso, um maior número de filhos pode representar mais oportunidade para aprender novos conhecimentos ou o agravamento de condições de vulnerabilidade colocadas pela pobreza (Kobarg & Vieira, 2008). Isto significa que a quantidade da prole é apenas umas das variáveis que precisam ser analisadas quando se pensa em termos dos fatores que podem ampliar ou reduzir as chances de a mãe expandir seus conhecimentos sobre o tema do desenvolvimento infantil e das práticas de cuidado nessa fase da vida, além do mais, sabe-se que as etnoteorias parentais adquiridas ao longo de sua vida são importantes para à adição sobre a temática em questão (Harkness & Super, 1996).

Esse dado contribui para confirmar estudos como o de Silva et al (2005) e Martins *et al* (2011), onde estas concluíram que a escolaridade pode ser um fator positivo

para obter conhecimentos acerca do desenvolvimento infantil e práticas de cuidado. Também, apreende-se que nesse contexto de desenvolvimento o profissional/educador na perspectiva do Nicho Desenvolvimental exerce influência no desenvolvimento das crianças na medida em que sua psicologia interfere na maneira de cuidar (Harkness & Super, 1996). Por isso, com base nos resultados, percebeu-se que é necessário se investir mais na capacitação em serviço desses profissionais, com a perspectiva de elevar a qualidade das práticas no espaço de acolhimento. O mesmo raciocínio se faz presente quando se tem a tarefa de investigar e discutir os resultados válidos para a amostra de outro tipo de cuidador que gravita em torno da criança em situação de acolhimento institucional: as mães e avós.

Pelo percentual de erros, pode-se ver que as mães foram as que mais se destacaram. Neste trabalho, como foi apresentado anteriormente, considera-se que a condição de ter uma prole numerosa pode tanto representar mais experiência prática no trato com crianças quanto o exercício do cuidado em um ambiente marcado pela privação material e emocional, no caso das famílias que vivem abaixo da linha da pobreza, por exemplo. Presume-se que este pode ser um dos motivos que justificam o fato de as mães terem tido comparativamente um número maior de erros na avaliação (Nascimento, Cunha & Vicente, 2008).

Os resultados revelaram uma preocupação mais ou menos evidente por parte das cuidadoras com o seu desempenho pessoal na avaliação feita pelo KIDI sobre o tema. É possível também que as cuidadoras tenham se percebido literalmente avaliadas quanto ao seu nível de conhecimento sobre práticas de cuidado consideradas social e cientificamente adequadas para um desenvolvimento saudável (Magalhães et al, 2011). Mais do que as mães e as avós, as cuidadoras parecem terem se colocado na obrigação de demonstrarem estar preparadas para opinar sobre questões relativas ao tema do desenvolvimento infantil. Como profissionais do cuidado infantil entendem que necessitam conhecer as características da criança dessa fase inicial da vida, inclusive para executarem melhor o seu trabalho no espaço de acolhimento, como socialmente delas é esperado. Diferentemente das mães e avós, que parecem ter entendido esta pesquisa como uma avaliação dos seus conhecimentos e práticas de cuidado que diziam respeito especificamente à sua convivência com seus próprios filhos, como uma indicação de que

podem ou não reunir condições de criar e educar seus filhos e netos após o período de acolhimento (Kobarg & Vieira, 2008).

Ao se analisar as categorias do KIDI referentes às questões com um percentual mais elevado de respostas corretas, verificou-se que as mães e as avós obtiveram excelente desempenho quando se considera as perguntas do fator saúde e segurança, talvez por seu conteúdo referir-se sobremaneira a práticas de cuidado presentes no cotidiano das famílias e das instituições, como a alimentação, higiene, segurança, prevenção de acidentes e tratamento de doenças na infância. Outro ponto que pode ter contribuído também nesse quesito é porque os acessos a essas informações são de certa forma mais fáceis, seja por meio de campanhas preventivas e informações repassadas pela internet, televisão e redes sociais.

Deste modo, percebe-se como o ambiente social e cultural é importante na construção de ideias e crenças destas cuidadoras. Por exemplo, as questões 45 e 75 tiveram um grande percentual de acerto, sendo que a primeira questiona se uma criança de um ano de idade puxar uma toalha que está em cima da mesa irá cair sobre ela algum objeto. A maioria das mães e avós acreditavam que sim, que pode ocorrer algum acidente com a criança. Já a questão 75 é levantada a hipótese de que se uma criança ficar com febre, qual a atitude mais correta a tomar, um número considerável das participantes afirmou oferecer remédio contra a febre, respondendo corretamente o item do KIDI. As mesmas justificavam suas respostas ao afirmar que tiveram orientação médica e que pessoas próximas do seu cotidiano já haviam sugerido tomar essa atitude, caso acontecesse uma situação de emergência.

Em relação aos educadores do espaço de acolhimento houve uma predominância no número de acertos na categoria práticas de cuidado, pode-se supor que isto se deve ao fato de que as educadoras são mais esclarecidas com relação ao cuidado prático, que é transmitido culturalmente, o que Super e Harkness (1996) chamam de etnoteorias parentais. Em tese esse tipo de conhecimento é mais comumente disseminado na sociedade, pois requer o repasse de experiências adquiridas ao longo dos anos como cuidador de crianças, seja na esfera familiar ou profissional. Contudo, por ser facilmente socializado, nota-se que tende a ser visto como pouco complexo e relevante para o

desenvolvimento. Esses dados corroboram os achados de Silva, Vieira, Seidl de Moura e Ribas (2001).

Já no que se refere à escolaridade, observa-se que esta pode ser vista como um fator que nitidamente exerceu influência sobre o número de acertos, uma vez que as cuidadoras que mais acertaram as questões do inventário eram justamente as que apresentavam um maior nível de escolaridade. Estudos anteriores com o KIDI, realizados no Brasil e em outros países, demonstraram que o nível de escolaridade é um fator que provoca alterações positivas no nível de conhecimento que os cuidadores possuem acerca do tema desenvolvimento infantil, seja quando os sujeitos das pesquisas eram mães (Martins et al., 2010), pais (Silva et al, 2005) ou mesmo cuidadoras em instituições como creches e abrigos.

Estudos como os de Silva et al (2005) e Martins et al (2010) chegaram a resultados semelhantes dos apresentados no parágrafo anterior: quanto mais anos de estudo possui o cuidador entrevistado, maior tende a ser o seu percentual de acerto nas questões trazidas pelo KIDI, pois indica que comumente possuem mais domínio dos temas relativos ao desenvolvimento nos primeiros anos da infância. Desse modo, os resultados deste estudo e de outros aqui mencionados, vêm enfatizar a importância da escolaridade para a psicologia e as práticas dos responsáveis pelos cuidados primários, sejam na família ou em instituições.

Outros fatores também devem ser levados em consideração quando se discute o assunto sob a perspectiva do Nicho de Desenvolvimento, tais como: a configuração do ambiente, com destaque para os aspectos físicos e sociais e a rotina de cuidados. No que se refere às características ambientais, entende-se que as interações cuidador-criança e um ambiente rico de estimulação podem de certa forma suprir algumas necessidades das crianças que vivem em situação de acolhimento institucional.

### **Conclusão**

Este trabalho pode contribuir para pensar estratégias de qualificação da prática profissional das cuidadoras neste ambiente institucional, ao enfatizar a importância dos cuidados primários para o desenvolvimento infantil, mas ao mesmo tempo refletir sobre

o perfil de quem é responsável por prover tais cuidados e que condições sociais e pessoais efetivamente possuem para assumir essa responsabilidade. Para isso, fez-se uma abordagem da importância do cuidado familiar, e na ausência desses, o valor do cuidado institucional, reconhecendo que os cuidados institucionais se diferem dos cuidados familiares, uma vez que diferentemente da família, na instituição há um número muito grande de crianças acolhidas e o número de educadoras é pequeno se comparado ao número de crianças.

Dessa forma, muitas vezes os cuidados oferecidos pelos profissionais ocorrem de maneira mecânica, como se fosse apenas mais uma tarefa a ser cumprida, sem que se façam reflexões acerca de suas práticas de cuidado, o que se considera um agravante. Esses cuidadores precisam estar cientes dessa realidade para que possam prover as necessidades básicas dessas crianças naquilo que lhes competem, dentro da rotina de cuidados estabelecidos pela instituição. Outro ponto importante que o trabalho discutiu foi referente a psicologia dos cuidadores em ambientes familiares e institucional, a fim de analisar como suas ideias, concepções e crenças adquiridas ao longo de sua vida pessoal, profissional e psicológica, puderam interferir positivamente ou negativamente nas questões relacionadas ao cuidar da criança e até mesmo nos seus conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil e as práticas de cuidado. Esse tipo de pesquisa pode ser o ponto de partida para a compreensão da esperada influência do nível de conhecimento sobre a qualidade das práticas de cuidado.

Pesquisas futuras podem aumentar o número de participantes para análises de dados mais consistentes para a discussão sobre a percepção das cuidadoras de uma forma geral em acolhimento institucional sobre o desenvolvimento infantil, já que o presente trabalho teve de certa forma um número reduzido. E o KIDI poderá ser aplicado, por exemplo, com diversas pessoas que lidam com as práticas de cuidado primárias, como: professores de séries iniciais, babas e cuidadoras de creches.

Os resultados do estudo aqui apresentado remetem à necessidade de se investir mais na difusão de informações e conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil e práticas de cuidado que sejam realmente úteis ao modo como são orientadas e sustentadas do ponto de vista teórico. Seja quando tais práticas são realizadas no contexto da família, sendo em geral a mãe ou à avó a principal responsável pelas ações promotoras de saúde,

segurança e bem-estar da criança, seja no ambiente institucional, quando profissionais são destacadas para assumir tais funções, sendo remuneradas, orientadas e capacitadas para o domínio de um campo vasto de conhecimento.

### Referências

- Arpino, B., & Bordone, V. (2014). Does Grandparenting Pay Off? The Effect of Child Care on Grandparents' Cognitive Functioning. *Journal of Marriage and Family*, 76(2), 337-351.
- Barros, N. S., & Naiff, L. A. M. (2015). Capacitação para educadores de abrigo de crianças e adolescentes: identificando representações sociais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(1), 240-259.
- Chen, F., Liu, G., & Mair, C. A. (2011). Intergenerational ties in context: Grandparents caring for grandchildren in China. *Social Forces*, 90(2), 571-594.
- Cruz, E. J. S., Cavalcante, L. I. C., & Pedroso, J. (2014). Inventário do Conhecimento do Desenvolvimento Infantil: estudo com mães de crianças em acolhimento institucional. *Revista da SPAGESP*, 15(1), 49-63.
- Dias, C. M. de S. B., Hora, F. F. A. da, & Aguiar, A. G. de S. (2010). Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. *Psicologia: teoria e prática*, 12(2), 188-199. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872010000200013&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000200013&lng=pt&tlng=pt)
- Diniz, P. K. de C., & Salomão, N. M. R. (2010). Metas de socialização e estratégias de ação paternas e maternas. *Paidéia*, 20(46), 145-154.
- Harkness, S., & Super, C. M. (1996). Introduction. In S. Harkness & C. M. Super (Orgs.). *Parents' cultural belief systems: Their origins, expressions, and consequences* (pp. 1-23). New York Guilford.
- Kobarg, A. P. R., & Vieira, M. L. (2008). Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 401-408.
- Lauz, G. V. M., & Borges, J. L. (2013). Concept of family by children at residencial care and by professionals. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(4), 852-867.
- Macphee, D. (1981). *Manual for the Knowledge of Infant Development Inventory*. Manuscrito não publicado, University of North Carolina.
- Magalhães, C. M. C., Costa, L. N., & Cavalcante, L. I. C. (2011). Percepção de educadores de abrigo: o seu trabalho e a criança institucionalizada. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 21(3), 818-831. Recuperado de

- [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822011000300008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822011000300008&lng=pt&tlng=pt)
- Martins, G. D. F., Vieira, M. L., Seidl-de-Moura, M. L., & Macarini, S. M. (2011). Crenças e práticas de cuidado entre mães residentes em capitais e pequenas cidades Brasileiras. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 692-701.
- Moré, C. L. O. O., & Sperancetta, A. (2010). Práticas de pais sociais em instituições de acolhimento de crianças e adolescentes. *Psicologia & Sociedade*, 22(3), 519-528.
- Moura, G. G., & Amorim, K. S. (2013). A (in) visibilidade dos bebês na discussão sobre acolhimento institucional. *Psicologia em Estudo*, 18(2), 235-245.
- Nascimento, M. L. do, Cunha, F. L. da, & Vicente, L. M. D. (2008). A desqualificação da família pobre como prática de criminalização da pobreza. *Revista Psicologia Política*, 7(14). Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519549X200700020006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519549X200700020006&lng=pt&tlng=pt)
- Santos, T. M., Silva, S. S. C., & Pontes, F. A. R. (2011). A participação dos avôs no cuidado dos netos em uma comunidade ribeirinha amazônica. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 13(1), 182-197.
- Seidl- de- Moura, M. L., Ribas Jr., R. de C., Piccinini, C. A., Bastos, A. C. de S., Magalhães, C. M. C., Vieira, M. L., Salomão, N. M. R., Silva, A. M. P. M. da, & Silva, A. K. da. (2004). Conhecimento sobre desenvolvimento infantil em mães primíparas de diferentes centros urbanos do Brasil. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 421-429.
- Silva, A. K., Vieira, M. L., Moura, M. L. S. de, & Ribas Jr., R. C. (2005). Conhecimento de mães primíparas sobre desenvolvimento infantil: um estudo em Itajaí, SC. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 15(3), 1-10. Recuperado de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822005000300002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822005000300002&lng=pt&tlng=pt)
- Thomese, F., & Liefbroer, A. C. (2013). Child care and child births: The role of grandparents in the Netherlands. *Journal of Marriage and Family*, 75(2), 403-421.
- Tsai, F. J., Motamed, S., Elia, N., & Rougemont, A. C. (2011). Evolution in intergenerational exchanges between elderly people and their grandchildren in Taiwan; data from a multiple round cross-sectional study from 1993 to 2007. *BMC. Public health*, 11(1), 639.